

ORIGENS E DESAFIOS DOS NÚCLEOS DE ESTUDOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Maria Eulina Pessoa de **Carvalho** – UFPB

Mayanne Júlia Tomaz **Freitas** – UFPB

Karina Ingredy Leite da **Silva** – UFPB

Agências Financiadoras: CNPq e Capes

Resumo

Na educação superior, os núcleos interdisciplinares de estudos de gênero desconstruem o conhecimento acadêmico tradicional, possibilitando aplicar a perspectiva de gênero a todos os objetos de conhecimento. Contudo, sofrem de insuficiente reconhecimento e fraca institucionalização na academia brasileira. Este trabalho enfoca as trajetórias de núcleos de estudos sobre a mulher e relações de gênero no Norte e Nordeste brasileiros, articulados pela Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero-REDOR, e de suas fundadoras. A análise se baseou em levantamento documental e narrativas biográficas e autobiográficas. As histórias dos núcleos e das acadêmicas feministas entrelaçam dimensões pessoais e institucionais: o envolvimento com os estudos feministas influenciou suas vidas profissionais e pessoais; muitas sofreram preconceitos e discriminação por pesquisar gênero; praticamente todas continuam militando dentro da academia para sustentar seus núcleos e grupos.

Palavras-chave: núcleos de estudos de gênero, educação superior, acadêmicas feministas, REDOR.

ORIGENS E DESAFIOS DOS NÚCLEOS DE ESTUDOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

1. Introdução: desenvolvimento dos estudos das mulheres, feministas e de gênero na educação superior

O movimento feminista impulsionou políticas de igualdade de sexo e gênero e gerou os estudos da mulher, feministas e de gênero, geralmente empreendidos por

militantes feministas acadêmicas. Esses estudos denunciaram o androcentrismo das instituições e práticas científicas e geraram uma epistemologia e uma teorização próprias acerca da situação política, econômica e social das mulheres e das relações de gênero (HUMM, 1989; SCHIEBINGER, 2001; DENZIN & LINCOLN, 2006); constituem um campo em contínua expansão e interação com a sociedade, impactando instituições políticas e econômicas, públicas e privadas, nacionais e internacionais (VENTURA FRANCH, 2008).

Desde a Declaração da Década da Mulher pela ONU (1975-1985), a igualdade entre homens e mulheres passou a ser um dos princípios fundamentais do direito e a questão de gênero se tornou indispensável para pensar e realizar o desenvolvimento social e humano, em todas as dimensões. Mais do que uma variável analítica (como classe, etnia, o gênero aponta para um caso especial entre todas as discriminações sociais, uma vez que não se refere a um grupo específico ou minoria social, mas atravessa todos os grupos e povos, nos quais as mulheres constituem sempre a metade; daí a fertilidade e impacto da perspectiva de gênero na análise social, cultural e educacional (MONTANÉ, VILAROYA et al, 2011). No século XXI, apesar do enfraquecimento da institucionalidade do Estado e da desregulação dos mercados financeiros e de trabalho, promovidos pela ideologia neoliberal, as políticas públicas de gênero seguem avançando nos Estados democráticos (CEPAL, 2010).

A Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação, gerada pela UNESCO e adotada por muitas instituições de educação superior (IES) em todo o mundo, assinala como objetivo prioritário a promoção do acesso e o fortalecimento da participação das mulheres mediante cinco grandes eixos de ação: a sensibilização, o desenho curricular, a pesquisa e extensão, a cultura institucional e a coordenação interinstitucional (UNESCO, 1998). Para avançar tal objetivo, a ação dos grupos e núcleos de estudos de gênero das IES é importante e estratégica. Por um lado, a participação de mulheres e homens na educação superior, como discentes e docentes, na formação, pesquisa e gestão continua desequilibrada, se não no acesso, na distribuição, constatando-se segregação horizontal e vertical de sexo/gênero. Por outro lado, a criação de novas áreas de conhecimento derivadas dos estudos de gênero inter/transdisciplinares na educação superior potencia o desenvolvimento e a inovação científica e cultural.

No Brasil, os estudos sobre a mulher ganharam impulso durante a Década da Mulher, com o surgimento de grupos feministas e publicações sobre as desigualdades de

gênero, ainda sob a ditadura militar (COSTA, 2009). Na década de 1980, surgem os primeiros núcleos de estudo e se criam GT sobre o tema em várias associações científicas das ciências sociais e humanas; contudo, os estudos feministas concentravam-se na região Sudeste. No Norte e no Nordeste só foram impulsionados na década de 1990, a partir da criação da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero-REDOR, em 1992.

Em 2005, a Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM/PR) lançou (em parceria com o MCT, o CNPq, o MEC e o UNIFEM) o Programa Mulher e Ciência com três estratégias de intervenção: financiamento de projetos de pesquisa na área de gênero, mulheres e feminismos, via edital específico do CNPq; instituição do Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, um concurso de redações ou artigos científicos sobre as questões de gênero, para estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação; e realização de Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa “Pensando Gênero e Ciências” (BRASIL, 2008). O tema do segundo encontro, realizado em 2009, foi a institucionalização dos estudos feministas, de gênero e mulheres nos sistemas de educação, ciência e tecnologia no país, em consonância com o II Plano Nacional de Políticas para Mulheres (PNPM), sendo veiculadas várias recomendações, dentre as quais o apoio institucional a grupos e núcleos de estudo dedicados a essas temáticas (SPM, 2010). O atual PNPM (2013/2015) também destaca, entre suas ações, “apoiar a constituição e o fortalecimento de núcleos de gênero nas universidades, em especial nas federais e estaduais” (BRASIL, 2013, p. 26).

A presença minoritária da mulher no campo da produção do conhecimento científico ainda persiste em todo o mundo. De modo geral, apesar do crescimento das cifras de graduadas e doutoradas, continuam existindo sérios obstáculos ao acesso feminino a posições de prestígio e poder no mundo acadêmico, de forma que inclusão não implica ascensão (GARCÍA DE LEÓN & GARCÍA DE CORTÁZAR, 2001; TAVARES, 2008), um fenômeno denominado ‘cano que vaza’ (*leaky pipeline*, DE PABLO, 2006). Igualmente, a proporção de mulheres docentes nas IES vai se reduzindo à medida que se eleva o nível hierárquico. Embora isso possa ser explicado, em parte, por ser recente o acesso massivo das mulheres à educação superior, esse ‘teto de vidro’ (*glass ceiling*) é consequência da cultura masculina predominante no mundo acadêmico, que tende a se reproduzir na ausência de políticas de promoção da equidade. Reconhecidamente, no século XXI não se tem ainda uma academia ‘amistosa para as mulheres’ (*woman-friendly*) e persiste o ‘clima frio’ (*chilly climate*), sobretudo nos

campos do conhecimento masculinos (COOPER e EDDY et al, 2010). O fenômeno do teto de vidro é motivo de preocupação em poucos países, e são ainda mais reduzidos aqueles que implementam ações políticas concretas para abordar a segregação vertical (Referências apagadas).

Os estudos de gênero vêm acumulando conhecimentos que nem sempre são reconhecidos. No senso comum, gênero tem sido entendido de modo restrito à questão da mulher; no entanto, refere-se ao modo como as relações entre os sexos se reproduzem, institucionalizam e produzem discriminações, portanto remete a relações de poder e subordinação, sem se limitar a assinalar a posição ocupada pela mulher (Referência apagada). A inclusão da perspectiva de gênero na educação superior visa promover uma mudança ética nas instituições para que estas incorporem a equidade e a diversidade (Referência apagada). Os núcleos interdisciplinares de estudos de gênero desconstruem o conhecimento acadêmico tradicional, androcêntrico e positivista, possibilitando aplicar a perspectiva de gênero a todos os objetos de conhecimento (BALLARÍN, 2005). Seu impacto é tanto formal quanto informal, na medida que salientam a relevância social da perspectiva gênero, incluem-na na vida acadêmica, e realizam intervenção social e institucional comprometida com a equidade.

As políticas de igualdade se assentam basicamente no sentido distributivo da justiça, através de processos paritários ou do estabelecimento de cotas, sendo insuficientes (onde avançaram) para visibilizar e transformar o sexismo e androcentrismo do sistema educativo. As práticas e os efeitos da discriminação vão se tornando mais sutis quando avançam as políticas de igualdade e a paridade. Assim, a efetiva equidade de gênero na educação superior requer justiça do reconhecimento (FRASER, 2007) para a transformação das relações na vida institucional e a difusão de uma nova cultura. É nesta perspectiva que trabalham os núcleos e grupos interdisciplinares de estudos de gênero, em duas direções: aprofundamento do conhecimento acerca dos aspectos mais qualitativos das desigualdades de gênero nas relações institucionais cotidianas; e empoderamento das mulheres tanto no contexto das IES quanto fora dele, através de suas ações de formação e extensão (Referências apagadas).

É a história recente desses núcleos e grupos, articulados em rede, e de suas fundadoras que a pesquisa, da qual este texto deriva, buscou registrar, estudar e visibilizar, particularmente no Norte e Nordeste brasileiros.

2. Abordagem metodológica de pesquisa e recorte específico deste texto

A pesquisa tinha vários objetos interrelacionados: as trajetórias e contribuições (institucionais/acadêmicas, sociais/locais) dos núcleos e grupos de estudos da mulher e relações de gênero das diversas IES integrantes da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero-REDOR e da própria rede; sua produção científica, apresentada em reuniões anuais/bianuais; e as trajetórias e perspectivas de suas fundadoras e atuais dirigentes. Tratou-se de recuperar, mapear e analisar as trajetórias e contribuições desses núcleos/grupos e das acadêmicas feministas através de levantamento e análise documental da trajetória de cada núcleo/grupo; entrevistas biográficas no marco da investigação narrativa (CLANDININ, 2007; ATKINSON et al, 2001) e feminista (GLUCK & PATAI, 1991) com as acadêmicas feministas; mapeamento do desenvolvimento da produção científica nos GT da REDOR em 17 encontros realizados de 1992 a 2012.

A REDOR foi criada em 1992, com a finalidade de articular e fortalecer os núcleos/grupos de estudos da mulher e relações de gênero das IES das duas regiões. A criação e institucionalização dos núcleos ou grupos foi incrementada pela rede, que já realizou 18 encontros científicos até 2014, rotativamente nas IES do Norte e Nordeste para apresentação da produção científica sobre a temática, organizada em diversos grupos temáticos (GT). A sustentabilidade dos núcleos/grupos e da própria rede tem sido um contínuo desafio para suas pesquisadoras, conscientes de que desempenham o importante papel de impulsionar os estudos de gênero, a formação de novas gerações de acadêmicas feministas e a colaboração interuniversitária nas duas regiões.

Existem raros trabalhos sobre a história da REDOR (SARDENBERG, 2005; ESMERALDO, 2010; FERREIRA, 2012). Conhecer a trajetória desta importante rede de núcleos/grupos de estudos de gênero e de suas acadêmicas feministas, além de ter valor histórico e científico, contribui para a consolidação da rede e a visibilização da relevância social dos estudos de gênero. As primeiras militantes feministas acadêmicas encontraram e transpuseram barreiras para criarem sustentarem esses núcleos e grupos. Suas visões e avaliações sobre as mudanças alcançadas ao longo da história dos núcleos e grupos é um interessante objeto de investigação sobre o cotidiano acadêmico, profissional e de vida, no passado recente e no presente.

Considerando que a identidade profissional, da perspectiva de gênero, é uma vivência socialmente construída e pessoalmente recriada com significados, sentidos e

intencionalidade próprios, utilizou-se a entrevista biográfica individual de acordo com o enfoque teórico da pesquisa biográfico-narrativa, a fim de evidenciar como os indivíduos constroem sua realidade profissional e pessoal em interação com o mundo social e acadêmico (MONTANE & SANCHEZ DE SERDIO, 2011). Através de sua própria biografia, os sujeitos articulam, de forma complexa, um conhecimento sobre as relações sociais e as experiências vividas. Assim, pretendia-se compreender, a partir de um conhecimento situado (HARDING, 1993), as trajetórias profissionais e de vida das acadêmicas feministas em contextos universitários e de desigualdade.

A pesquisa foi anunciada na assembleia de encerramento do 17º Encontro da REDOR, realizado em 2012 na UFPB. O levantamento documental iniciou-se em fevereiro de 2013, através de formulário enviado por e-mail às atuais dirigentes dos núcleos/grupos junto com uma carta explicando os objetivos da pesquisa e solicitação de materiais relativos à história e produção do núcleo/grupo, bem como anais de eventos realizados. Foram poucos os que responderam, apesar das sucessivas tentativas (reenvio de e-mail e telefonemas); de 105 e-mails enviados, 31 voltaram, 5 foram respondidos indicando encaminhamento a outro endereço, e apenas 8 devolveram o formulário preenchido.

Quando da realização do “Seminário Internacional Fazendo Gênero”, na UFSC, em setembro de 2013, as professoras/pesquisadoras da REDOR que se fariam presentes ao evento foram previamente contatadas por e-mail com vistas à realização de uma reunião sobre a REDOR e sobre o projeto. Solicitou-se a cada uma que levasse o formulário preenchido bem como materiais (digitais ou impressos) de produção do seu núcleo/grupo para compor o corpus de pesquisa. Mais uma vez, não se obteve sucesso na coleta de materiais, mas várias feministas acadêmicas foram entrevistadas na ocasião.

Finalmente, decidiu-se colocar os quadros com as informações obtidas no site do 18ª Encontro da REDOR, a se realizar na UFRPE, de 24 a 27 de novembro de 2014, com um convite aos núcleos e grupos filiados para que atualizassem seu cadastro (o formulário da pesquisa) ou o preenchessem. Essa estratégia de visibilidade funcionou melhor e foi crescendo o levantamento de maio a outubro de 2014, com a inclusão de novos núcleos e grupos, porém nem sempre se obtendo as informações buscadas. No site do 18º Encontro da Redor encontram-se informações de 32 núcleos ou grupos (<https://18redor.files.wordpress.com/2014/10/nc3bacleos-e-grupos-de-pesquisas->

membros-e-associados-da-redor-_out-2014.pdf). Contudo, não se pode afirmar que todos se encontrem ativos.

Aqui apresentam-se alguns resultados desta ampla pesquisa que envolveu dados documentais dos núcleos/grupos, entrevistas biográficas narrativas com suas fundadoras, além de textos autobiográficos solicitados através de um roteiro, que destacava vida pessoal e familiar, trajetória profissional/acadêmica, o tornar-se feminista, a criação do núcleo/grupo, e a visão do futuro da Redor.

3. Os núcleos e grupos de estudos da mulher e relações de gênero integrantes da REDOR

O embrião da REDOR surgiu no “I Encontro Nacional de Núcleos de Estudos sobre a Mulher nas Universidades Brasileiras”, promovido em março de 1991 pela Profª. Eva Blay na Universidade de São Paulo. As docentes do Norte e Nordeste convidadas ao evento se deram conta da desarticulação entre elas mesmas em suas respectivas regiões. No ano seguinte, com uma pequena verba fornecida pela Fundação Ford, as coordenadoras do NEIM/UFBA convocaram as estudiosas das questões da mulher e de gênero das IES da duas regiões para uma reunião. Assim, por iniciativa dessas docentes feministas, a REDOR nasceu do “I Encontro Regional de Núcleos de Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste” (Referência apagada). Glória Rabay, da UFPB, presente ao encontro de fundação, conta que:

Foi uma reunião de articulação muito importante e animadora, todas saímos com desejo de construir a rede. Havia poucas de nós, todas as participantes cabiam numa sala no NEIM. Também foi muito interessante o mini curso com Heleieth Saffioti, ofertado na ocasião. Já saímos do evento articulando as pesquisas a serem realizadas coletivamente.

A REDOR não só articulou os núcleos/grupos existentes, mas impulsionou a criação de novos grupos e núcleos desde então. Também legitimou os grupos nascentes, como diz Maria Luzia Miranda Álvares, do GEPEM/UFPA: “Nós passamos a existir a partir da REDOR!”

QUADRO 1: Núcleos e grupos de estudos de gênero por estado e região

Região Nordeste (17 Núcleos e 12 Grupos)		
Estado	Núcleo	Grupo
Bahia (3 Núcleos e 3 Grupos)	NEIM/UFBA	MUSA/UFBA
	MULLIERIBUS/UEFS	GEM/UFBA

	NECLIF/UFBA	Laboratório de Gênero e Infância/UEBA
Sergipe (1 Núcleo)	NEPING/UFS	-
Alagoas (1 Núcleo)	NTMC/UFAL	-
Pernambuco (4 Núcleos e 5 Grupos)	FAGES/UFPE	Instituto PAPAI (ONG)
	GEMA/UFPE	Grupo Planejamento e Política de Gênero, Recife
	NPAMC/UFRPE	G.T. Mulher na Literatura/UFPE
	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher/UFRPE	Área Temática Gênero, Família e Idade/Fundação Joaquim Nabuco Grupo de Mulher “Fazendo Gênero”/ Centro de Estudos e Pesquisas Josué Castro
Paraíba (3 Núcleos e 1 Grupo)	NIPAM/UEPB	Grupo Flor e Flor Estudos de Gênero/UEPB
	NEMS/UFCE	-
	NEPGD/UEPB	-
Rio Grande do Norte (2 Núcleos)	NEM/UERN	-
	NEPAM/UFRN	-
Ceará (1 Núcleo)	NEGIF/UFC	-
Piauí (1 Núcleo)	NEPEM /UFPI	-
Maranhão (1 Núcleo e 3 Grupos)	NIEPEM/UFMA	GERAMUS/UFMA
		GEMGE/UFMA
		GENI/UFMA
Região Norte (4 Núcleos e 2 Grupos)		
Estado	Núcleo	Grupo
Pará (1 Grupo)	-	GEPEM/UFPA
Amazonas (1 Núcleo)	NEIREGAM/UFAM	-
Rondônia (1 Núcleo)	Núcleo de Estudo e Pesquisa da Mulher/UFRO	-
Tocantins (1 Núcleo e 1 Grupo)	Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades/UNITINS/Miracema	Grupo de Pesquisa Memória, Cotidiano, Gênero e Sertão/UNITINS/Porto Nacional
Acre (1 Núcleo)	NEGA/UFAC	-

Fonte das autoras. 2013/2014

Levantou-se nas duas regiões um total de 35 núcleos e grupos de estudos de gênero, por estado e IES, conforme o quadro 1. São 17 núcleos e 12 grupos na região Nordeste e 4 núcleos e 2 grupos na região Norte. Os núcleos são órgãos da estrutura universitária, potencialmente mais estáveis do que os grupos. Também são interdisciplinares, envolvendo participantes de diversos departamentos e centros. Todavia há autodenominados grupos consolidados e até maiores do que núcleos, como é o caso do GEPEM da UFPA. E há grupos pequenos cadastrados no CNPq e vinculados a um programa de pós-graduação que não chegam a ser interdisciplinares.

O quadro 2 mostra a linha do tempo de fundação de 20 dos núcleos e grupos de estudos de gênero sobre os quais conseguiu-se obter informação sobre ano de fundação. Na década de 1980 foram fundados 5 núcleos/grupos. Na década de 1990, entre 1991 e 1998, foram fundados 12, sendo que nos anos de 1991, 1992 e 1993 foram fundados 6

(2 por ano). Já na década de 2000 foram fundados apenas 3. De 1983 a 1993 surgiram 11 núcleos ou grupos de estudos de gênero no Nordeste. A região Norte conta apenas com 5 núcleos/grupos.

Os núcleos pioneiros na linha do tempo são o NEIM/UFBA e o FAGES/UFPE, ambos fundados em 1983. O NEIM/UFBA está vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Suas fundadoras foram Cecília Sardenberg, Ana Alice Costa, Alda Britto da Motta e Malu Beloni, da área das Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia. Desde sua origem, vem exercendo um importante papel para os estudos de gênero nas duas regiões, tendo liderado a criação da REDOR e sediado a rede durante algum tempo; organizou encontros da REDOR em 1992, 2001 e 2005. Hoje tem prédio próprio, cursos de graduação, mestrado e doutorado, o Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher Gênero e Feminismo, pioneiro no Brasil e na América Latina.

O primeiro núcleo da região Norte foi o GEPEM/UFPA, vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, fundado em 1994 por Maria Luzia Miranda Álvares, com formação em Ciências Sociais e Ciência Política. Suas linhas de pesquisa são mulher e participação política; mulher, relações de trabalho, meio ambiente e desenvolvimento; gênero, identidade e cultura; gênero, arte/literatura e educação; gênero, saúde e violência.

Em 1998 foi fundado o GEMA/UFPE por Benedito Medrado e Jorge Lyra, com formação em Psicologia, Psicologia Social e Saúde Pública. É o único núcleo de homens feministas. Tem diversos projetos de formação, extensão e pesquisa nas seguintes linhas: processos psicossociais, poder e práticas coletivas; produção de sentidos em saúde; homens, masculinidades e contextos sociais; estudos e políticas feministas.

QUADRO 2: Cronologia de fundação de núcleos e grupos de estudos de gênero da REDOR

Ano	Núcleo
1983	Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher - NEIM/UFBA/Salvador [http://www.neim.ufba.br/wp/]
	Família, Gênero e Sexualidade - FAGES/UFPE/Recife [https://www.ufpe.br/fages/]
1984	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero – NEPEM/UFPI/Teresina
1987	Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher - GEM/UFBA/Salvador [https://generoenfermagem.wordpress.com/]

1989	Núcleo Temático Mulher e Cidadania - NTMC/UFAL/Maceió [http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/fsso/extensao/nucleos-tematicos/nucleo-tematico-mulher-cidadania-ntmc]
1991	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher/UFRPE/Recife Núcleo Nísia Floresta de Estudos e Pesquisa e Área da Mulher e Relações Sociais de Gênero - NEPAM/UFRN/Natal
1992	Programa de Estudos em Gênero e Saúde Coletiva - MUSA/UFBA/Salvador Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Mulher e Relações de Gênero – NEPIMG/UFS/Aracaju
1993	Núcleo de Estudos sobre a Mulher Simone de Beauvoir - NEM/UERN/Mossoró-RN [http://nucleonem.blogspot.com.br/] Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero - NIEPEM/UFMA/São Luís
1994	Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero - GEPEM/UFPA/Belém [http://www.ufpa.br/projetogepem/] [http://gepemufpa.blogspot.com.br/] [http://jornalarias.ufpa.br/]
1995	Grupo Flor e Flor Estudos de Gênero /UEPB/Campina Grande-PB [http://grupoflorestudosdegenero.blogspot.com.br/]
1996	Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher e Relações de Gênero - MULLIERIBUS/UEFS/Feira de Santana-BA
1997	Instituto PAPAI/Recife [http://institutopapai.blogspot.com.br/]
1998	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Idade e Família - NEGIF/UFC/Fortaleza [http://www.negif.ufc.br/] Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades - GEMA/UFPE/Recife [http://gema-ufpe.blogspot.com.br/]
2000	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero – NIPAM/UFPB/João Pessoa [https://www.facebook.com/pages/NIPAM-UFPB/423612381042424]
2008	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito - NEPGD/UFPB/João Pessoa [http://www.cj.ufpb.br/nepgd/]
2009	Núcleo de Estudos de Gênero na Amazônia - NEGA/UFAC/Boa Vista [http://negaacre.blogspot.com.br/]

Fonte das autoras. 2014

Em suma, os núcleos e grupos levantados foram fundados entre 1983 e 2009, com concentração entre 1991 e 1998, e na região Nordeste. Estão vinculados às áreas de ciências sociais e humanas, onde se inserem suas fundadoras e desenvolvem diversos projetos de pesquisa, extensão e formação em articulação com as políticas públicas e movimentos sociais.

A enorme dificuldade na obtenção de informações sobre o histórico e trajetória dos núcleos e grupos indica sua fraca institucionalização e o caráter de militância de sua construção e sustentação. Muitos não têm site, e-mail ou telefone institucional. A pesquisa descobriu, por exemplo, que o NIEPEM/UFMA, fundado em 1993, não é formalmente institucionalizado na sua IES, mas é filiado à REDOR, tendo sediado dois

encontros da rede, em 1998 e 2009. Nesses eventos, o NIEPEM se articulou aos outros grupos da IES (Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações de Gênero, Étnico-raciais, Mulheres e Feminismo - GERAMUS, Grupo de Pesquisa Educação, Mulheres e Relações de Gênero - GEMGe e Grupo de Estudos de Gênero, Memória e Identidade – GENI), fundados posteriormente, vinculados a programas de pós-graduação e regulamentados pelo CONSEPE/UFMA.

O que vem sustentando os grupos e a rede é a realização dos encontros científicos periódicos, já que os projetos de pesquisa em rede, desenvolvidos no seu início, não mais ocorreram. Esses encontros, além de promoverem o intercâmbio de estudos entre pesquisadoras/es e estudantes das duas regiões e contribuir para o avanço e legitimação dos estudos feministas e de gênero nas IES e além delas, dão visibilidade interna (na IES) e local (na cidade e estado) aos núcleos que os realizam, e aportam também recursos financeiros.

4. Os encontros científicos da REDOR

A concentração de núcleos e grupos na região Nordeste e a imensidão da região Norte, com os altos custos de deslocamento, contribuem para que os encontros da REDOR venham se realizando praticamente na região Nordeste. As tentativas de realização de encontros em Belém (pelo GEPEM/UFPA) e Manaus (pelo NEIREGAM/UFAM) em 2008 e 2010, respectivamente, coincidiram com a crise da Redor. O encontro de Belém resultou numa pequena reunião. O de Manaus contou com 125 comunicações, com poucas participantes de outros estados (FERREIRA, 2012).

Todavia, em anos mais recentes houve uma retomada da REDOR. Em novembro de 2012, o 17º Encontro, realizado pelo NIPAM/UFPB, em João Pessoa, contou com 245 trabalhos apresentados em 13 GT (<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/>). No último encontro, realizado na UFRPE, em Recife, evidenciou-se um crescimento significativo da rede: cerca de 800 inscrições, com aproximadamente 530 comunicações em 11 GT. (<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor>). Esta pesquisa concorreu para este crescimento através das articulações feitas com as diversas acadêmicas feministas e seus grupos, reavivando memórias e estimulando projetos de futuro.

Cabe ressaltar que este último foi o maior encontro da REDOR, com convidadas/os de Espanha e Portugal e do Sul do Brasil. Foi realizado por um núcleo recém criado em 2013: Núcleo de Pesquisa-Ação Mulher e Ciência (NPAMC),

vinculado ao Grupo de Pesquisa CNPq Desenvolvimento e Ciência, da UFRPE. Isso indica o potencial de crescimento da rede.

Outro ponto a ressaltar é a crescente participação e interesse masculino acerca das questões de gênero e feminismo. No 4º Encontro, realizado em 1995, na UFPB/João Pessoa, não houve participação de nenhum pesquisador. Dois anos depois, no 6º Encontro, realizado na UFAL/Maceió, registrou-se a participação 8 autores de trabalhos. Em 2002, no 11º Encontro na UFS/Aracaju, foram 17 autores; e em 2009, no 15º Encontro na UFMA/São Luís, foram 20 autores. Já em 2012, no 17º Encontro, realizado outra vez na UFPB/João Pessoa, o número de homens pesquisando a temática chegou a 82.

5. As biografias das acadêmicas feministas: do pessoal ao institucional

Na ata de criação da REDOR constam assinaturas de 34 docentes mulheres, de 12 grupos de 8 estados: 3 da Bahia, 3 de Pernambuco, 1 de Sergipe, 1 de Alagoas, 1 da Paraíba, 1 do Rio Grande do Norte, 1 do Ceará e 1 do Pará. Alguns desses grupos se autodenominavam “pro-articulação” de núcleo, ou seja, não existia ainda um núcleo institucionalizado em sua IES na ocasião. Das fundadoras, conseguimos entrevistar 7: Ana Alice Alcântara Costa, Maria Cecília Bacellar Sardenberg e Alda Britto da Motta do NEIM/UFBA; Maria Luzia Miranda Álvares, do GEPEN/UFPA; Cristina Buarque, da Fundação Joaquim Nabuco/PE; Laura Susana Duque Arrazola, do NUPEN/UFRPE; Glória Rabay, da UFPB. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo. Elvira Simões Barreto e Nádia Regina Loureiro de Barros Lima, do NTMC/UFAL, escreveram narrativas autobiográficas.

Uma primeira análise dessas narrativas, sistematizadas no quadro 3, evidencia que o feminismo influenciou suas vidas pessoais e profissionais, suas motivações e visões acadêmico-científicas. Todas abordaram questões de gênero em suas teses de doutorado e mais da metade já no mestrado. Quase todas exerciam e exercem a militância feminista fora da academia; apenas as mais velhas, Alda e Luzia, se engajaram no movimento feminista depois de abraçarem os estudos de gênero. Cristina foi Secretária de Políticas para Mulheres de Pernambuco.

QUADRO 3: Perfil e trajetória das fundadoras e/ou dirigentes da REDOR

Nome, naturalidade,	Idade em	Estado civil,	Graduação, término	Mestrado, término, foco	Doutorado, término, foco	Militância
---------------------	----------	---------------	--------------------	-------------------------	--------------------------	------------

núcleo/IES	2013	Filhos/as		em mulher, gênero	em mulher, gênero	
Alda B. da Motta , Ilha de Itaparica/BA, NEIM/UFBA.	82	Viúva, 3 filhos/as.	Ciências Sociais, UFBA, 1967.	Ciências Sociais UFBA, 1977. Sim.	Educação, UFBA, 1999. Sim.	Sim. Após entrar na academia
Ana Alice A. Costa , Caravelas/BA, NEIM/UFBA.	61	Divorciada , 2 filhos.	Ciências Sociais, UFBA, 1975.	Sociologia, UNAM, México, 1981. Sim.	Sociologia Política, UNAM, México, 1996. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia
Maria Cecília B. Sardenberg , São Paulo/SP, NEIM/UFBA.	65	Divorciada , 1 filho e 1 filha.	Antropologia Cultural, Illinois State University, USA, 1977.	Antropologia Social, Boston University, USA, 1981.	Antropologia Social, Boston University, USA, 1997. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
Cristina Maria Buarque , Rio de Janeiro, Fundação Joaquim Nabuco.	66	Divorciada , 2 filhos, 1 falecido.	Economia, 1971.	Ciência Política UFPE, 1991.	--	Sim. Dentro e fora da academia.
Laura Susana Duque Arrazola , Sincelejo, Colômbia. NUPEM/UFRPE.	66	Viúva, sem filho/a.	Sociologia, Univ. Javeriana, Colômbia, 1972.	Sociologia Rural, UFPB, 1983.	Serviço Social, UFPE, 2003. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
Nadia Regina Loureiro de Barros Lima , Palmeira dos Índios/AL, NTMC/UFAL.	62	Viúva, 2 filhos.	Serviço Social, UFAL, 1973.	Sociologia, UFPE, 1985. Sim.	Letras e Linguística, UFAL, 2011. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
Elvira Simões Barretto , Aracaju/SE, NTMC/UFAL.	49	Divorciada , 2 filhas e 1 filho.	Serviço Social, UFPE, 1988.	Serviço Social UFPE, 1999. Sim.	Periodismo y Ciencia de La Comunicación, UAB, Espanha, 2008. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
Glória Rabay , João Pessoa/PB, NIPAM/UFPB	53	Divorciada , 1 filha e 1 filho.	Comunicação Social, UFPB, 1982.	Sociologia, 1992.	Ciências Sociais, UFRN, 2008. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
Maria Luzia Miranda Álvares , Abaetetuba/PA, GEPEM/UFPA.	73	Casada, 4 filhas.	Ciências Sociais UFPA, 1977.	Desenvolvimen to Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, 1990. Sim.	Ciência Política, IUPERJ, 2004. Sim.	Sim. Após entrar na academia.

Fonte das autoras. 2014

A consciência feminista veio para muitas da experiência familiar, na família de origem ou no casamento. Cristina vivenciou a luta da mãe ‘desquitada’ que teve de assumir os 4 filhos. Alda sofreu opressão no casamento e teve de lutar (contra o marido) para se qualificar profissionalmente. Cecília e Glória, na adolescência, percebiam a dupla moral que cerceava as mulheres. Elvira descobriu que era infeliz no casamento. Cecília, ao tentar voltar aos Estados Unidos para concluir o doutorado, foi duramente punida pelo ex-marido, que era acadêmico.

Para Cristina (exilada), Cecília e Ana Alice, o encontro com o feminismo se deu no exterior, respectivamente no Chile e Alemanha, nos Estados Unidos e no México. Laura foi influenciada pelas “feministas radicais” do Canadá no início da década de 1980, quando acompanhava o marido num intercâmbio acadêmico. Glória se envolveu no/com o feminismo bem jovem: quando entrou na universidade teve contato com o primeiro grupo feminista de João Pessoa e, a partir daí, nunca mais se afastou da militância. Luzia, que tem um casamento feliz e teve a vida familiar facilitada pela família extensa, o que lhe permitiu voltar a estudar aos 32 anos, se interessou pelos estudos da mulher por influência de uma professora.

Quando Elvira buscou o mestrado, na primeira tentativa de ingresso teve seu projeto sobre “Gênero e Serviço Social” reprovado. Cecília ressalta que os estudos de gênero eram e são tidos como “estudos menores”. Laura, Luzia e Glória também relataram preconceitos e resistências na universidade a respeito do tema, inclusive na pós-graduação. Por se assumir feminista, Luzia diz que era vista por colegas como “uma louca”. Em 2008, já doutora, sofreu assédio moral de um jovem colega numa disputa geracional e de gênero, o que a levou a entregar o cargo de coordenadora do curso de mestrado que criara.

Não era rara a discriminação contra as feministas na universidade, chamadas de lésbicas. Segundo Cecília, o NEIM era desprestigiado, era conhecido como a “baixa das sapateiras”, um trocadilho com “Baixa do Sapateiro”, local de Salvador, e “sapatona”.

Nesse contexto, praticamente todas as docentes encontraram e transpuseram barreiras para criarem e manterem os núcleos/grupos. Sobre as perspectivas de futuro, afirmam a importância dos núcleos e da REDOR em incentivar, fortalecer e manter os estudos feministas e de gênero e contribuir para a luta contra a discriminação, subordinação e desigualdade de gênero. Desejam fortalecer os laços construídos desde a fundação da REDOR, ampliar o espaço específico da rede, e envolver e investir nas novas pesquisadoras feministas.

4. Conclusão: os desafios

Este texto objetivou visibilizar as contribuições das mulheres ao conhecimento acadêmico e o trabalho sobre gênero que vem sendo desenvolvido na educação superior, através de mapeamento e análise das trajetórias dos núcleos e grupos integrantes da REDOR e das acadêmicas feministas, apontado o entrelaçamento entre dimensões

peçoais e institucionais. Esses núcleos/grupos, suas fundadoras e dirigentes ainda padecem de insuficiente reconhecimento e carecem de apoio institucional em termos de infraestrutura e funcionários. E as acadêmicas feministas ainda sofrem preconceitos e discriminações por pesquisarem gênero. Elas continuam militando na academia para sustentar seus núcleos e grupos, mas são poucas e sobrecarregadas de trabalho, dentro e fora dos núcleos, para implementarem as tarefas de: formação de novas gerações de acadêmicas feministas; articulação e colaboração com as lutas dos movimentos feministas e com a formação de lideranças feministas; institucionalização, consolidação e expansão dos núcleos e grupos dentro das IES, conforme a fase de vida do núcleo/grupo e a conjuntura institucional; elaboração de projetos de formação, extensão e pesquisa e concorrência a financiamento junto aos órgãos de fomento; investimento na sustentação da REDOR.

Os desafios permanecem: o da inclusão/renovação/sucessão geracional dos núcleos/grupos; a da relação entre o feminismo acadêmico e os movimentos sociais e grupos fora da universidade; o da institucionalização plena e sustentabilidade, legitimação e consolidação dos núcleos e grupos, na presença de obstáculos de ordem ideológica, exaustão das docentes/militantes no contexto da intensificação do trabalho docente, e na ausência de apoio institucional; o da institucionalização e expansão dos estudos feministas e de gênero nas universidades, com a criação de cursos regulares como fez o NEIM/UFBA; e o da sustentação da própria REDOR. Segundo Glória Rabay, na ocasião da fundação havia uma organização internacional, a Fundação Ford, financiando as ações da Redor, que era um ONG e podia receber apoio financeiro. Atualmente, não há verba para infraestrutura nem secretaria, sendo responsabilidade do núcleo que sedia o encontro manter a rede até o próximo encontro. “A exigência cada vez maior de produtividade acadêmica também tem afastado a militância pois as docentes acabam privilegiando outras atividades. E há também disputas por poder e prestígio, apesar da Redor se encontrar enfraquecida se compararmos a outras associações como a Anpocs, a Anpuh.”

Todas essas questões necessitam de reflexão no marco das relações de poder, seja dentro das IES, seja especificamente entre mulheres, por exemplo, entre feministas acadêmicas mais antigas e recém-chegadas, mais militantes ou mais acadêmicas. Na Assembleia da REDOR realizada na 18º Encontro na UFRPE houve disputa quanto à sede do próximo encontro, por exemplo, que refletia essas diferenças, num momento que a rede, recém ressuscitada, necessita criar consensos e se fortalecer.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, P.; COFFEY, A.; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. (Eds.). **Handbook of ethnography**. Londres: Thousand Oaks & New Delhi: Sage, 2001.

BALLARÍN, P. Mujeres en el laberinto de cristal universitario. In: I. de Torres (Coord.). **Miradas desde la perspectiva de género**. Madrid: Narcea, 2005, p. 183-194.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

BRASIL. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. Disponível em: <http://www.spm.rs.gov.br>. Acesso em: 1 Mar. 2012.

CEPAL. **La hora de la igualdad: brechas por cerrar, caminos por abrir**. Brasília: Naciones Unidas, 2010. Disponível em: <http://www.ecac.cl/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/0/39710/P39710.xml&xs1=/ps33/tp1/p9f.xml&base=/ps33/tp1/top-bottom.xml>. Acesso em: 10 Mar. 2012.

CLANDININ, J. (Ed.). **Handbook of Narrative Inquiry**. London: Thousand Oaks & New Delhi: Sage, 2007.

COOPER, J.; EDDY, P.; HART, J.; LESTER, J.; LUKAS, S.; EUDEY, B.; GAZER-RAYMO, J.; MADDEN, M. Improving gender equity in postsecondary education. In: S. S. KLEIN (General Editor). **Handbook for Achieving Gender Equity through Education**, 2nd ed. New York & London: Routledge, 2010, p. 631-653.

COSTA, A. A. A. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. **Labrys, estudos feministas**, jan/dez 2009.

DE PABLO, F. **Científicas y Tecnólogas: Especies a proteger**. Disponível em: http://amites.org/assets/files/publicaciones/CIENTIFICAS_TECNOLOGAS_jul_06.pdf. Acesso em: 06 Jun. 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESMERALDO, G. G. S. L. A formação em estudos de gênero, mulheres e feminismos: impasses, dificuldades e avanços. In: SPM. **Pensando gênero e ciências**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2009. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Presidência da República, 2010, p. 91-101. Disponível: <http://www.SPM.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2010/spm-nucleos-web.pdf>. Acesso em: 20 Fev. 2012.

FERREIRA, M. M. Trajetórias de Estudos e Pesquisa em gênero no Norte e Nordeste: A REDOR e seus paradoxos. A REDOR e os estudos de gênero no Norte e Nordeste. In FERREIRA, Maria Mary. **Conhecimento Feminista e Relações de Gênero no Norte e Nordeste Brasileiro**. São Luiz: Redor; NIEPEM, 2012, p. 19-31.

FRASER, N. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 15, n. 2, Florianópolis, mai-ago/2007, p. 291-308.

- GARCÍA DE LEÓN, M.A.; GARCÍA DE CORTÁZAR, M. **As académicas (Profesorado universitario y género)**. Madrid: Instituto de la Mujer, 2001.
- GLUCK, S.B.; PATAI, D. (Eds.). **Women's Words. The Feminist Practice of Oral History**. London & New York: Routledge, 1991.
- HARDING, S. Rethinking standpoint epistemology: What is "strong objectivity"? In: Linda Alcoff & Elizabeth Potter (Eds). **Feminist Epistemologies**. London & New York: Routledge, 1993, p. 49- 82.
- HUMM, M. **The Dictionary of Feminist Theory**. New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- MONTANÉ, A.; SANCHO DE SERDIO, A. Sujeto a reforma: la transformación de la identidad docente en la educación superior. **Revista de la Asociación de Sociología de la Educación**, n. 4, 2011, p. 73 -88.
- MONTANÉ, A.; VILAROYA, A. et al. **Marcos legales y políticas de igualdad de género en Iberoamerica**. Riaipe-UB, 2011. Disponível em: <http://www.riaipe-alfa.eu/index.php/es/productos/productos/relatorios-de-genero>. Acesso em: 12 Abr. 2012.
- SARDENBERG, C. M. B. **Para re-tecer a Rede: reflexões sobre a trajetória da REDOR**. In: 1º Seminário Internacional "Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina. Salvador, Bahia: NEIM/UFBA, 2005.
- SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SPM. **Pensando gênero e ciências**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2009. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Presidência da República, 2010. Disponível: <http://www.SPM.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2010/spm-nucleos-web.pdf>. Acesso em: 20 Fev. 2012.
- TAVARES, I. A participação feminina na pesquisa: presença das mulheres nas áreas do conhecimento. In RISTOFF, D. et al. **Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira**. Brasília-DF, 6-7/12/2007. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008, p. 31-62.
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação**. Paris, 1998. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> Acesso em: 20 Mar. 2012.
- VENTURA FRANCH, A. Normativa sobre estudios de género y universidad. **Feminismo/s**. n. 12, Dic. 2008. p. 155-183.